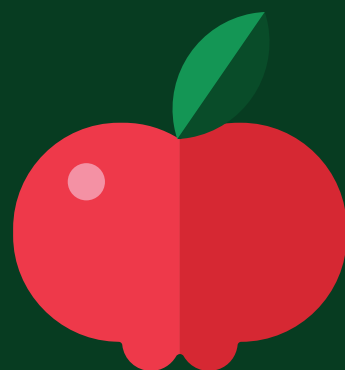
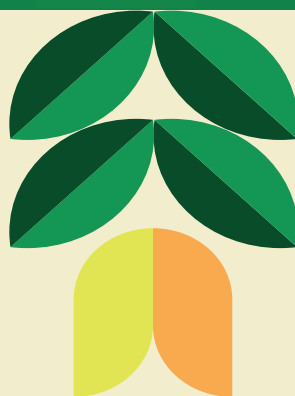
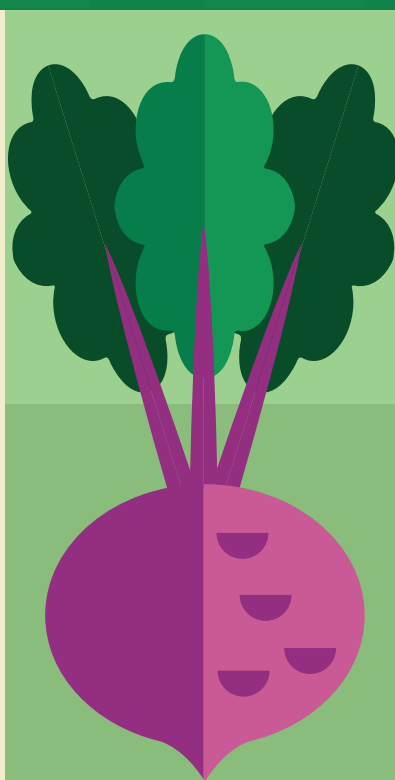
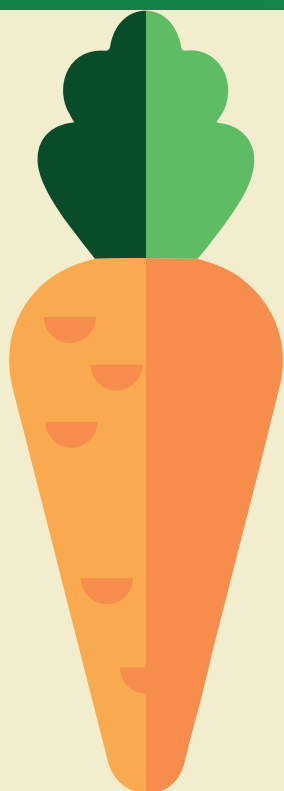
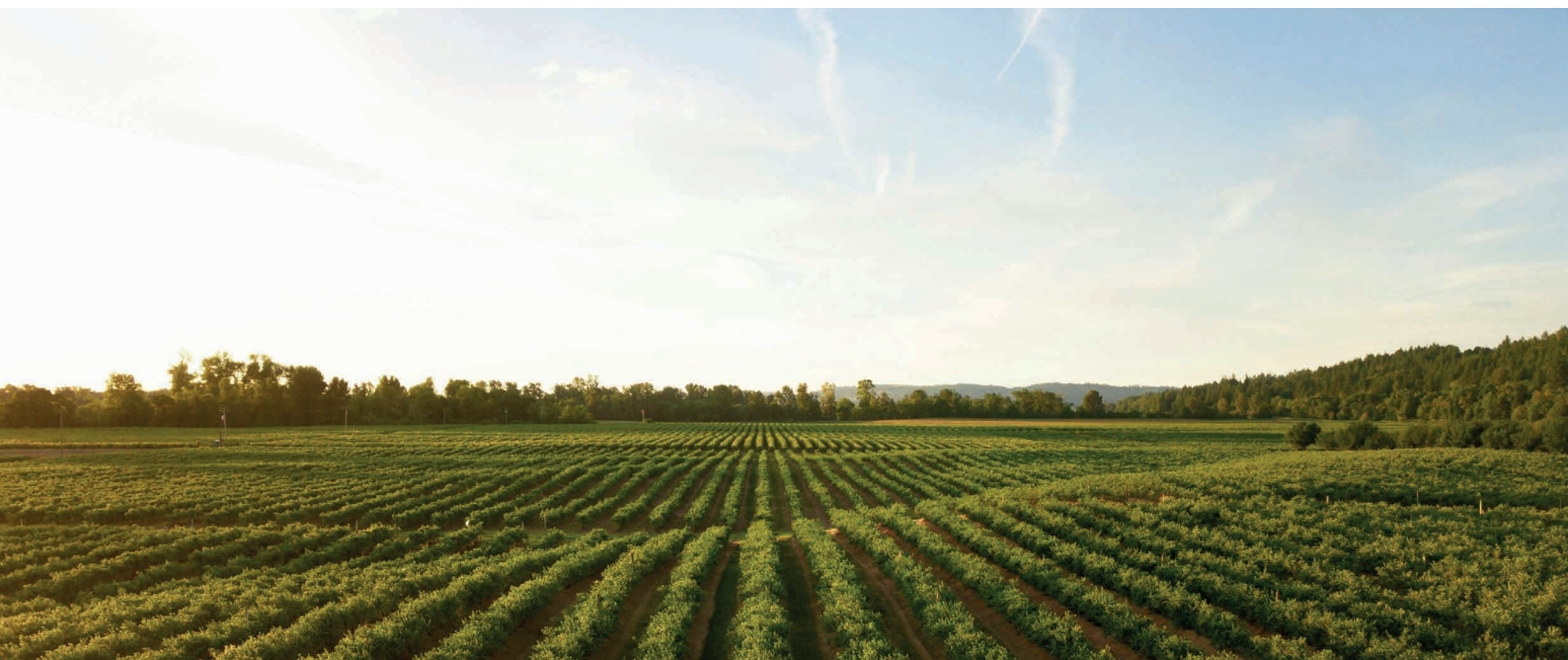


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, em termos gerais, o período apresentou estabilidade térmica e elevada pluviosidade, enquadrando-se no padrão climatérico típico da época.

No Baixo Vouga, dezembro caracterizou-se pela ocorrência de temperaturas médias amenas e amplitudes térmicas acentuadas (máximas de 19,3 °C e mínimas de 2,8 °C de média). A precipitação apareceu com maior intensidade na primeira quinzena do mês, ocorrendo alternadamente nos restantes dias com tempo seco e vento fraco ou nulo, que provocaram ocorrência de geadas em locais mais do interior. O final do mês foi marcado pela influência de uma massa de ar polar “siberiana” que trouxe frio extremo e geada. Estas condições meteorológicas permitiram um bom desenvolvimento da erva forrageira em terrenos de cotas altas, o início da preparação dos terrenos para a sementeira dos cereais praganosos. Impuseram, todavia, atraso da sementeira de azevém em terrenos encharcados e impediu a colheita do restante milho grão.

No Baixo Mondego, o mês foi frio e chuvoso. A temperatura máxima registada foi de 19,18°C e a temperatura mínima registada foi de -1°C. Ocorreram algumas geadas. A passagem da

depressão Bram nos dias 8 e 9 de dezembro fez-se sentir nalguns locais com fortes rajadas de vento na ordem dos 118 km/h. Os solos encontram-se encharcados. As condições meteorológicas permitiram efectuar a colheita da azeitona, de milho e de arroz e semear alguns cereais praganosos.

No Pinhal Litoral, de 1 a 21 de dezembro de 2025 registaram-se temperaturas típicas de inverno, com uma temperatura máxima média de 15,35 °C, mínima média de 7,98 °C e temperatura média global de 11,49 °C. A precipitação foi significativa, com um total de 191,7 mm em 16 dias com chuva ao longo do período, reflectindo um regime pluviométrico activo e frequente. Estas condições favoreceram o desenvolvimento das culturas de inverno e o crescimento das pastagens, e garantindo boa disponibilidade hídrica. No entanto, a elevada frequência de precipitação dificultou trabalhos agrícolas ao ar livre e aumentou o risco de encharcamento e doenças associadas a excesso de humidade.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o último mês do ano teve vários períodos de precipitação, distribuídos por todo o mês, excepto na última semana. São visíveis terrenos encharcados impossibilitando atividades que exijam maquinaria, nomeadamente novas sementeiras. Relativamente à temperatura, as máximas não ultrapassaram os 15°C, sendo as mínimas

próximas de 0°C, o que beneficiou o período de repouso das fruteiras, tendo estas acumulado bastantes *horas de frio*. Apenas a cultura da nespereira (fase de desenvolvimento do fruto) e as culturas do medronheiro e dos citrinos – fase de amadurecimento e colheita – não se encontram neste período de pausa. O desenvolvimento vegetativo das pastagens e forragens tem estado praticamente estagnado devido às baixas temperaturas. Os agricultores vão-se dedicando nesta fase às hortas de inverno, à poda e às queimadas de sobrantes.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o presente mês teve temperaturas e precipitação mais próximas do normal para a época. A temperatura mínima média andou pelos 5,6°C, e a média das máximas, pelos 12,5°C; choveram cerca de 135 mm em 17 dias, e ventou bastante. Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o mês de dezembro registou temperaturas baixas, normais para a época, com médias diárias entre os 11 e 12°C, acentuado arrefecimento nocturno, ventos fortes e formação de geada. A precipitação foi bem distribuída ao longo do mês, embora com mais intensidade no início e fim do mês. As condições meteorológicas permitiram executar trabalhos agrícolas, nomeadamente mobilização de solos e sementeiras, em dias sem chuva, bom desenvolvimento vegetativo de algumas culturas anuais e das pastagens e forragens, excetuando em algumas zonas, devido a excesso de água nos solos. As podas já tiveram início. Poderá ocorrer algum risco de fitossanidade, nomeadamente em olival e vinha, caso a humidade se mantenha elevada.

No Pinhal Sul, o mês foi muito chuvoso, com precipitações muito acima dos valores registados em dezembro do ano anterior. A precipitação distribuiu-se ao longo do mês beneficiando muito os lençóis freáticos. Os terrenos de baixas encontram-se alagados. As temperaturas foram mais altas que as registadas no mesmo período do ano passado.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, foram registadas alterações significativas no estado do tempo este mês, pois choveu muito e desceram abruptamente as temperaturas. As geadas ocorridas inibiram o desenvolvimento de algumas culturas, em particular hortícolas e outras arvenses anuais.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, as temperaturas médias diurnas registaram valores abaixo dos ocorridos em igual período do ano transacto e precipitação acima dos valores do referido ano. As temperaturas registadas, associadas à precipitação abundante não permitiram a continuação da preparação das terras e das respectivas sementeiras das culturas outono-invernais, ainda em atraso, cuja germinação tem sido mais lenta devido à redução das temperaturas médias e ao excesso de humidade dos solos, principalmente os situados em cotas mais baixas que já apresentam sinais de encharcamento. Atrasou também o ciclo vegetativo normal das pratenses que constituem os prados, temporários ou permanentes de sequeiro e de regadio, condicionando assim a alimentação animal e o seu maneio. Nas fruteiras procede-se às podas e respectivos tratamentos preventivos de inverno.



Na Campina e Campo Albicastrense, dum modo geral, o mês foi frio com maior destaque a partir do início da última década, em que se verificaram temperaturas mínimas próximas e abaixo de 0°C. A precipitação ocorreu essencialmente até à terceira década do mês. A precipitação acumulada desde o início do presente ano agrícola já originou bons níveis de armazenamento de água nos diferentes reservatórios. O frio característico desta altura do ano teve o efeito esperado na generalidade das culturas, nomeadamente nas pastagens e culturas forrageiras, ao bloquear o seu crescimento.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de dezembro em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de dezembro.



2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, não foram registados problemas fitossanitários significativos, dado que as condições climáticas ocorridas durante o mês foram desfavoráveis ao aparecimento de pragas/doenças encontrando-se a maioria das culturas em repouso vegetativo.

Relativamente aos factores abióticos, as condições climáticas foram permitindo que os agricultores efectuassem os tratamentos preventivos/curativos ou conjunto de medidas culturais aconselhadas, para as diferentes culturas. Destacam-se os designados tratamentos de outono-inverno que se traduzem na aplicação de cobre por forma a reduzir a incidência de doenças na campanha seguinte. Também se realizam as podas que se prolongarão até fevereiro-março do próximo ano.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de dezembro para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDR Centro, foram:

Citrinos –míldio ou aguado.

Culturas perenes – manutenção dos solos/enrelvamentos.

Fruteiras – tratamento de outono-inverno.

Olival – ronha ou tuberculose (*Pseudomonas savastanoi* pv. *savastanoi*).

Poda – recomendações.



3-Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os prados, pastagens e culturas forrageiras situadas em terrenos de cotas altas estão com bom desenvolvimento vegetativo. Contudo, algumas parcelas na zona do Baixo Vouga Lagunar ainda se encontram abaixo do nível da água, encharcadas, não possibilitando a sua sementeira. As pastagens e prados pré-instalados, nessa situação, sofrem de asfixia radicular, com a consequente inibição do desenvolvimento vegetativo. Nestes casos onde não há condições de pastoreio directo, os bovinos de aptidão leiteira são alimentados com o arraçoamento e alimentos armazenados, para que não haja alterações na composição e qualidade do leite.

No Baixo Mondego, estas culturas encontram-se com bom desenvolvimento vegetativo. Nesta altura do ano, a alimentação animal é maioritariamente feita à base de forrageiras em verde, e complementada com palha, silagem de milho e algum arraçoamento. O pastoreio directo tem sido possível em terrenos de cotas mais altas.

No Pinhal Litoral, o tempo húmido tem favorecido o desenvolvimento dos prados e pastagens, contribuindo para uma boa disponibilidade de alimento verde e beneficiando o pastoreio. De um modo geral, considera-se que a contribuição de matéria verde para a alimentação animal é

semelhante à verificada no mesmo período do ano anterior.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, devido às baixas temperaturas, o desenvolvimento vegetativo foi pouco expressivo face ao mês anterior. A grande quantidade de água nos solos inviabilizou novas sementeiras, podendo estas vir a ser realizadas em janeiro, assim as condições climáticas o permitam. As sementeiras já efectuadas poderão vir a sofrer com a asfixia radicular em zonas de má drenagem, situação a acompanhar no próximo mês.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, verificou-se um ligeiro aumento das áreas semeadas de pastagens temporárias no primeiro caso (Alto Mondego) e um aumento substantivo no segundo caso (Beira Serra). Os pastos continuam com um bom crescimento permitindo já o pastoreio sem limitações. O consumo de feno e de rações industriais é agora semelhante ao do ano passado.

No Alto e Baixo Dão-Lafões as condições meteorológicas permitiram o desenvolvimento destas culturas, ainda que limitado pelas temperaturas baixas e o fotoperíodo. De um modo geral, as forragens anuais apresentam um desenvolvimento normal, contudo, a produção de massa verde não é suficiente, pelo que os agricultores recorrem, ainda, a fenos, silagens e rações.

No Pinhal Sul, o crescimento destas culturas está normal para a época do ano. Os animais já vão pastoreando, mas, continuam a ser suplementados com fenos, palhas e rações.

Nas **zonas do interior**, em Riba Côa e Cimo

Côa, estas culturas apresentam agora um bom estado vegetativo, principalmente as pastagens de sequeiro e as permanentes pobres, o que veio amenizar as dificuldades de alimentação do efectivo, sobretudo nas zonas dos incêndios. Casos houve em que foram destruídas 100% das forragens permanentes, nomeadamente lameiros e pastagens pobres e mesmo até forragens que já estavam colhidas e armazenadas para alimentação do efectivo durante o ano, tendo que se recorrer a rações e palhas vindas de outras regiões. Saliente-se que, nestas mesmas zonas, os produtores não dispõem de forragens armazenadas o que poderá vir a constituir dificuldade no futuro. De momento os suplementos são partitamente utilizados na criação do efectivo de engorda.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, os prados e as pastagens permanentes espontâneas de sequeiro e as culturas forrageiras e pratenses temporárias de

sequeiro, têm visto o seu normal desenvolvimento comprometido devido ao excesso de água no solo e às baixas temperaturas registadas, levando a uma diminuição da disponibilidade alimentar. Assim, neste mês houve também uma maior utilização generalizada de alimentos conservados ou rações, de um modo geral, cerca de 25% a 30% a mais relativamente ao mesmo período do ano transacto. Nos animais com vocação produtiva de leite ou de engorda, continua-se a recorrer ao uso de rações e de outros alimentos conservados, nas quantidades habituais.

Na Campina e Campo Albicastrense, o crescimento das pastagens e culturas forrageiras está estagnado devido às baixas temperaturas e também à elevada acumulação de água no solo, sobretudo nas culturas localizadas em zonas baixas. A disponibilidade de erva para pastoreio é insuficiente e, por conseguinte, o regime alimentar dos efectivos pecuários em pastoreio teve que incluir forragens conservadas e outros alimentos.



4-a – Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspecto vegetativo das searas, variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos de variação, caso se tenha verificado.

Nas **zonas do litoral**, e em geral, as sementeiras dos cereais praganosos estão atrasadas em relação ao ano passado devido ao alagamento dos solos, salvo alguns casos residuais.

Nesta data, prevê-se que a área semeada seja idêntica à do ano passado.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a permanência dos ataques de espécies cinegéticas reflectem-se na diminuição de áreas semeadas, afectando naturalmente a manutenção das culturas cerealíferas nesta zona.



Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, de uma maneira geral, a germinação foi razoável. Não se verificaram alterações da área semeada no Alto Mondego, havendo um decréscimo na Beira Serra.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as condições meteorológicas permitiram a realização das sementeiras, salvo nos locais com solos encharcados, verificando-se uma germinação heterogénea. Alguns agricultores estão a optar por fazer mistura de cereais o que poderá, no futuro, levar a diminuição da área de determinados cereais. A área semeada manteve-se semelhante face ao ano anterior. Também aqui, há que reiterar os prejuízos provocados pelos permanentes ataques de espécies cinegéticas.

No Pinhal Sul, muitas das sementeiras já foram efetuadas, prevendo-se a sua continuação no mês de janeiro, principalmente para forragens. As áreas semeadas serão semelhantes ao ano anterior. A germinação foi boa e o crescimento está normal para a época.

Nas **zonas de interior**, em Riba Côa e Cimo Côa, as lavouras e sementeiras decorreram normalmente, estão terminadas e apresentam um bom aspecto de momento. Estima-se que as áreas semeadas sejam sensivelmente as mesmas do ano anterior.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a maioria das sementeiras foram efectuadas a partir de novembro. No entanto, a precipitação ocorrida ao longo de todo o mês de dezembro, condicionou o seu término que, associado às temperaturas baixas veio condicionar a germinação. Algumas das searas situadas em solos de cotas mais baixas denotam sinais de asfixia radicular devido ao encharcamento. No geral, têm tido um desenvolvimento mais lento devido às baixas temperaturas e excesso de água em certos casos. As áreas semeadas são sensivelmente as mesmas do ano anterior.

Na zona homogénea da Campina e Campo Albicastrense, as culturas de cereais praganosos têm aspecto normal, em concordância com a altura do ano agrícola. As áreas são as mesmas do ano anterior, apenas algumas áreas de forragens de cereais não foram semeadas devido ao excesso de água no solo que impediu a entrada das máquinas agrícolas.



5-b – Culturas arbóreas, nomeadamente pomares de citrinos e olivais de azeitona de mesa e azeitona para azeite: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

A maioria das espécies arbóreas e arbustivas estão na fase de dormência invernal, contudo, a seguir descrevem-se os aspectos mais relevantes para algumas culturas.

• Pomares de Citrinos

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, nos pomares de citrinos não tratados, houve ataque de mildio e grande incidência da mosca-da-fruta, provocando a queda dos frutos, no entanto, sem quebra de qualidade.

No Baixo Mondego, os pomares de citrinos apresentam, de uma forma geral, boa frutificação, prevendo-se boas produções.

Na zona homogénea do Pinhal litoral, os citrinos não se encontram organizados em fileiras, contudo, a produção é semelhante à do ano passado. Relativamente à qualidade, esta tem sido afetada, em alguns casos, por podridão devido à presença da mosca-da-fruta.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, os citrinos encontram-se numa fase adiantada do seu ciclo, várias variedades já atingiram a sua maturação final, casos da tangerina, da clementina e mesmo da laranja da baía. Nota para a grande quantidade de fruto caído precocemente, facto reportado por agricultores em diferentes áreas desta zona. Temperaturas amenas que ocorreram até tarde,

poderão justificar maior impacto da mosca-do-mediterrâneo nesta família de frutos.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, no geral, os citrinos encontram-se na fase de maturação e prevê-se uma produtividade ligeiramente inferior ao ano passado, influenciada pela chuva forte e vento ocorrido no mês anterior.

No Pinhal Sul, o limão já está maduro. Espera-se uma menor produção apesar de ainda ser cedo para se poder quantificar. A laranja poderá ter uma quebra de cerca de 5%.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, os citrinos apresentam um bom aspecto vegetativo.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os citrinos resumem-se na sua maioria a árvores dispersas em quintais, com exceção de alguns pequenos pomares sem expressão, situados principalmente na zona sul da Cova da Beira.

• Olival

Nas **zonas do litoral**, a colheita da azeitona está terminada.

No Baixo Vouga a produção foi idêntica à da última campanha, mas, de melhor qualidade. O rendimento superou em relação ao último ano, com valores entre 13 a 15%.

No Baixo Mondego, no geral, a azeitona foi de boa qualidade e quantidade em relação ao ano passado, com a galega a obter melhores



rendimentos O azeite produzido também apresentou muito boa qualidade. A funda foi em média de 13%.

No Pinhal Litoral, o olival apresenta-se como tradicional, muitas vezes associado a pequenos produtores, com oliveiras dispersas. O seu papel histórico está mais ligado à produção de azeite caseiro e à qualidade regional do que a grandes volumes industriais. A produção de azeitonas para azeite registou um aumento de cerca de 10% em relação ao ano passado. A qualidade do azeite produzido foi significativamente melhor, tanto ao nível da baixa acidez como pela presença de polifenóis.

Nas **zonas de transição**, a campanha da azeitona está também concluída.

No Pinhal, a campanha foi bastante positiva. Ao contrário do ano anterior, a quantidade de azeitona foi grande, não só em olivais cuidados, como também, em olivais pouco zelados. A apanha começou no início de outubro, quando o fruto ainda estava verde, sendo a funda pouco rentável. A apanha precoce por parte de alguns agricultores teve como principal razão o receio que o fruto (não tratado) caísse antes de estar maduro. Com o decorrer das semanas, a maturação da azeitona foi-se aproximando do seu estado ideal, resultando em fundas mais generosas. Os períodos de precipitação que

ocorreram, foram afectando quer a quantidade quer a qualidade do fruto. Ainda assim, foi possível ir colhendo fruto são, até à chegada da tempestade Cláudia. As fundas após as chuvas naturalmente que baixaram, mas, em geral, obteve-se sempre azeite com baixa acidez. Devido ao aumento da oferta, o valor do litro de azeite para venda (quer nos lagares quer no particular) tendeu a baixar. A cultura encontra-se agora em repouso invernal, sem actividade vegetativa.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra como anteriormente se referiu, a produtividade foi muito heterogénea, inferior à do ano passado no Alto Mondego, primeiro por mau vingamento do fruto, e depois por uma vasta área de olival ardido no concelho de Seia. Na Beira Serra, ao contrário do que anteriormente se previu, as oliveiras que vingaram bem o fruto tiveram uma produtividade excepcional, com uma boa qualidade, levando a um aumento de produção substantivo. Nas duas zonas homogéneas a qualidade da azeitona foi muito superior.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões houve um aumento de produção de azeitona face ao ano anterior, mas distinta de local para local, verificando-se um aumento, em média, de 30% no Alto Dão Lafões, de 15% no Baixo Dão Lafões. Em relação à funda os valores variaram entre 7,5 e 12 kg/l.



No Pinhal Sul, a produção foi superior ao ano anterior em cerca de 50%. Muita azeitona ficou nos campos porque não houve oportunidade de colheita antes do encerramento dos lagares. A qualidade é boa, proporcionando azeites de boa qualidade.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, regista-se uma quebra na quantidade em cerca de 10%, mas a qualidade foi superior, relativamente ao ano anterior.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, verifica-se uma diminuição da produtividade relativamente ao ano anterior, de cerca de 15% e de 10% na Serra da Estrela e na Cova da Beira, respectivamente. O rendimento em azeite

foi em média cerca de 10,0 Kg de azeitona / 1,0 L de azeite na Serra da Estrela e 8,5 Kg de azeitona / 1,0 L de azeite na Cova da Beira. A qualidade do azeite é boa.

Na Campina e Campo Albicastrense, contrariamente ao considerado no relatório anterior, no geral, a produção de azeitona de mesa e de azeite é inferior ao ano anterior, apesar de haver heterogeneidade da produção entre olivais, quer na azeitona de mesa, quer na azeitona de azeite. A quebra estima-se em 15% e 10%, respectivamente para a azeitona para azeite e para a azeitona de mesa. A qualidade da azeitona para azeite é superior ao ano anterior e por conseguinte o azeite produzido também é de boa qualidade.



6-f – Colheita das culturas arvenses de regadio, em particular o milho: como decorreu; sua produção quanto aos aspectos de quantidade, rendimento e qualidade, condições de secagem e armazenamento”

Na **zona do litoral**, mais precisamente no Baixo Mondego, em relação às culturas de arroz e milho, informa-se que ainda decorreram, as colheitas de ambas as culturas. As colheitas estão muito atrasadas em relação aos anos anteriores. Os terrenos encontram muito alagados e as máquinas agrícolas trabalham com muita dificuldade. Os custos de secagem, de ambas culturas, têm sido muito elevados, uma vez que apresentam humidades na ordem dos 24 a 27%.



ANEXO I

Zonas Homogéneas		Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitaç	Temperaturas Médias (°C)				
				01 a 31/12	01 a 31/12	Máx.	Min.	Média		
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	Agueira	73,3	17	16,2	6,4	11,2	...	
		Anadia	Arcos	158,0	16	15,3	7,3	11,1	
	Baixo Mondego		Pedralvites	-	-	-	-	-		
		Cantanhede	Poço Lobo	146,0	15	15,0	6,9	10,8	...	
		Soure	Moínho de Almoxarife	181,4	16	16,1	5,7	10,8	...	
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	166,2	16	16,3	5,7	10,6	...	
		Montemor-o-Velho	Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	166,0	16	15,2	6,4	10,8	...	
		Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	157,2	16	16,0	5,3	10,3	...	
	Pinhal Litoral	Batalha	Branças	178,4	16	15,9	7,4	11,5	
		Leiria	Azóia	192,6	16	15,4	9,1	12,0	...	
		Porto de Mós	Casal do Alho	-	-	-	-	-		
			Alcaria	186,0	15	14,7	7,7	11,2	...	
		Pombal	Abiul	-	-	-	-	-		
	Leiria	Regueira de Pontes	105,0	12	16,5	8,0	12,0	...		
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	115,4	14	19,8	6,6	11,7	...	
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-		
		Ansião	Freixo	126,2	15	14,4	6,9	10,3	...	
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	-	-	-	-	-		
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	118,0	16	12,1	5,4	8,9	...	
	Baixo Dão-	Tondela	Quinta das Tílias	176,2	16	14,3	7,2	10,5	
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	103,4	19	11,9	4,6	7,9	
	Pinhal Sul	Sertã	Cernache	153,0	20	13,1	4,0	8,3		
		Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	182,2	18	13,4	6,5	9,4		
		Oleiros	Oleiros	164,6	24	10,8	4,4	7,3		
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	Longroiva	76,2	21	12,4	3,7	7,7		
		Pinhel	Pinhel	85,4	19	10,6	2,2	6,2		
		Trancoso	Trancoso	144,2	21	3,2	-5,2	-1,0		
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	113,4	21	11,5	3,3	7,1		
		Guarda	Relvas	90,0	14	11,8	3,9	7,6		
	Cimo Côa	Sabugal	Martim Rei	108,6	19	9,4	2,3	5,8		
		Almeida	Almeida	75,8	15	10,3	4,7	7,3		
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	109,8	14	12,5	3,6	7,8		
		Covilhã	Lamaçais	131,0	14	13,1	4,0	8,3		
		Fundão	Brejo	106,4	18	11,9	4,5	8,0		
				Alcogosta	152,6	17	9,7	4,7	6,9	
				Fadagosa	119,6	17	12,7	5,2	8,7	
	Campina e Campo	Idanha-a-Nova	Várzea	130,4	11	14,5	5,4	9,7		
		Penamacor	Assoc. B. Cova Beira	81,0	17	12,2	2,7	7,2		

Fontes: ENHMAF - R.G.A. - R.I.F.M.F.

*AECOTERM

** de 01/12 a 29/12 *** de 01/12 a 20/12 **** de 01/12 a 21/12 ***** de 01/12 a 27/12

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROAGRÍCOLAS															
02/01/2026															



WWW.CCDRC.PT

